

## **a flecheira libertária e as novas linguagens nos protestos em 2014**

Em 2014, durante os cinco meses que antecederam a realização da Copa do Mundo da FIFA, o arco da flecheira libertária do *Nu-Sol* acompanhou sob perspectiva libertária e abolicionista, as novas linguagens dos protestos que irromperam no Brasil, procurando situar resistências que fundamentam as hipóteses do PT *Ecopolítica*.<sup>1</sup>

Enquanto os primeiros meses de acompanhamento da *flecheira libertária*, fevereiro e março, explicitaram a aliança entre variadas mídias e Estado na tentativa de criminalização do *black bloc*, os meses seguintes analisaram a construção do consenso para obstruir a ação do bloco, levado adiante por movimentos sociais e pelo Estado. Por fim, no rescaldo do evento, algumas flechas expuseram a construção do perigo articulado ao *black bloc* e as prisões de jovens identificados com a tática.

Logo em fevereiro (10 flechas), mês em que o cinegrafista da Bandeirantes Santiago Andrade foi morto em decorrência do efeito de um explosivo, os textos problematizaram o julgamento do *black bloc* por jornais, blogs e emissoras de televisão. Todavia, a primeira flecha (ver “vândalos”),

---

<sup>1</sup> Como analisou Edson Passetti: “as condutas fascistas permanecem vivas, habitam e ameaçam o cotidiano democrático. São vitoriosas cada vez que a democracia representativa delas se serve ao se mostrar amedrontada diante do novo e recusar compreender suas linguagens”. Ver *Invenção de liberdades e sagacidade jurídico-política*. São Paulo: Nu-Sol, 2014 em <http://www.nu-sol.org/>

publicada no dia seguinte ao falecimento de Andrade, ponderou: “a tática *black bloc* tem alvos definidos, atua diretamente contra eles e se desconhece que sejam jornalistas e cinegrafistas”. A seguir, “fogo da mídia” questionou os jornalistas que fazem “coro com a polícia e os governantes” sem antes “comunicar seu discurso ideológico”. Ainda neste mês, “qual morte?”, prosseguiu o embate a seletividade da imprensa que simultaneamente a tentativa de criminalização do *black bloc* silenciava em relação as outras nove mortes provocadas nos protestos. “Explicita-se a seletividade punitiva da imprensa. Para seus comentaristas, repórteres e âncoras, há vidas e vidas; há quem pode matar e quem deve morrer”.

Em março (3 flechas), o numero de textos reduziu, assim como o fogo dos protestos. “agenda” evidenciou como as manifestações entraram em certa rotina e as ações radicais dos *black-bloc* repentinamente desapareceram da cobertura jornalística, “seguramente porque polícia e mídia pretendem convencer a população que isso é um fato superado”. Enquanto em fevereiro as flechas mostraram como pouco a pouco o *black-block* foi identificado como organização criminosa a ser combatida pelo Estado, a partir de março e abril (3 flechas), os textos dedicaram-se a desnudar o consenso sobre o bloco como perigo a ser evitado, criação de organizações de direitos humanos passando por partidos até a polícia, visando obstruir o avanço do bloco negro.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Para Dupuis-Déri, muitas vezes certos movimentos constituem o que ele denominou de “polícia da paz”. “Os porta vozes do movimento progressista esperam ser recompensados

Com as sete flechas publicadas em maio, o *nu-sol* intensificou novamente a produção de textos relacionados aos embates nas ruas. “vai ter copa”, primeira flecha do mês a lidar com os protestos noticiou que na “reta final” das manifestações “movimentos sociais e grupos que até então não compareciam estiveram presentes”. O texto seguinte, “tática X estratégia”, apresentou a singularidade da tática de maneira minuciosa considerando-a a maior potência produzida pelas jornadas de junho de 2013. “A emergência e difusão dessa tática embaralhou as análises de acadêmicos e articulistas de jornais, desnorteou a polícia e demais autoridades e expôs a violência sistemática que acompanha os clamores por segurança. Trata-se de uma ação direta que produz e expande a revolta (...) A revolta é incontível. Entretanto, acoplada à busca de fins estratégicos, deixará de ser revolta”.

Em junho, (19 flechas), ocorreu a maior produção de textos da *flecheira libertária* sobre os protestos relacionados a Copa do Mundo. “teatro e cinema”, analisou a identificação de “anarcopunks” atribuída aos manifestantes por matéria publicada em jornal de grande circulação e “miscelânea”, problematizou a articulação oportunista, presente em outro periódico, entre a tática *black bloc* e o PCC. Para além de seguir acompanhando as manifestações, a partir de junho a paixão libertária pelo futebol também ganhou espaço nas

---

pelas autoridades. Em específico, esperam ser reconhecidos como atores legítimos e receberem convites para discutir e, talvez, negociar com pessoas no alto escalão”. François Dupuis Déri. *BLACK BLOC*. São Paulo: Veneta, 2014.

edições do boletim. A primeira flecheira do mês foi encerrada com o breve texto, “gauche garrincha”, questionando a homenagem do governo e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) ao craque com o nome do estádio sediado em Brasília. “[o estádio] definitivamente não combina com os lances do craque de pernas tortas, *gauche*, que desconcertou zagueiros, políticos, bajuladores e toda a corja de contentes fora e dentro de campo”.

A violência da polícia sobre os protestos dos funcionários do metrô (ver “mais violência”) e a afirmação libertária do futebol como “bola e os jogadores soltos em campo e na vida, partindo para cima dos adversários como um a-ni-mal!”. Diante da Copa das cúpulas, futebol & anarquia, já!” (“ver “bakunin e o futebol”) marcaram a última edição antes da estréia da seleção brasileira na Copa do Mundo. Contudo, a flecheira seguinte à partida voltou a expor a violenta repressão da polícia aos protestos em São Paulo (ver “tá na cara”) e o apoio de grande parte da torcida a tropa de choque que cercou o entorno do chamado Itaquerão (ver “pequeno fascismo”). A edição mostrou ainda a intimação, no dia da estréia do Brasil, dos manifestantes que foram detidos nos protestos anteriores; a tecnologia de monitoramento via satélites empregada para a transmissão do evento e o episódio amplamente divulgado na televisão e redes sociais do pai que retirou o filho de uma manifestação contrária a Copa. “O amplamente explorado episódio do pai que retirou seu filho do meio do *black bloc* mostra que a violência e o autoritarismo da polícia começam no lar. Os pais dispõem da vida e dos

desejos de seus filhos, que não pertencem a ninguém, apenas a sua futura liberdade” (ver “jovem incomum”).

Por fim, as últimas flecheiras relacionadas aos protestos contra a Copa, como “saldo atual”, apresentou como o Estado respondeu aos protestos de 2014, com o uso deliberado de violência, prisões e o endurecimento de leis. “nada de surpresa” completou como a própria torcida assistiu acomodada ao evento e a produção da violência sistemática. “Todos indo arrumadinhos para o estádio e voltando ordeiros e devidamente postados. Comemorações nas ruas com cerveja, drogas e sexo instantâneo. Tudo possível e tolerável. Tudo tolerante. Nada de surpresas! Polícia armada e protetora do investimento. Poucos contestaram um pouco. A platéia só deseja ser feliz!”.

Frente à prisão expedida por um juiz carioca de vários jovens acusados de serem *black bloc*, em julho (6 flechas), o *nu-sol* produziu uma edição extraordinária da *flecheira libertária*. Se em “perigosos são os outros”, alertou para as violências do Estado em plena democracia, sobretudo, quando amparada pela construção de um perigo que deve ser combatido, “o estranho”, ao fazer um balanço sobre os últimos seis meses de acontecimentos, arrematou: “nos movimentos, como na vida, há acidentes, imprudências, descontroles e eventuais tragédias que acometem quem dentro deles estão. Foi o caso da morte involuntária do cinegrafista carioca no início do ano. Foi um episódio bem diferente dos que passaram jornalistas e cidadãos alvejados pela polícia constantemente nos protestos”, argumentou a flecha para em seguida libertariamente perguntar: “será que os juízes,

promotores e procuradores não sabem pensar a lei sem punições?”

Em agosto (2 flechas), o *Nu-Sol* produziu ainda dois textos relacionados aos embates de 2014. Temperando a anarquia com humor, comentou as investigações da polícia carioca de perseguição aos *black bloc*, em especial, de um suposto adepto da tática, Mikhail Bakunin. “Mesmo depois do acossamento da polícia por décadas a fio, da prisão na Fortaleza de Pedro e Paulo, do exílio, da fuga extraordinária das autoridades pelos mares do Japão até os Estados Unidos, Mikhail Bakunin segue driblando o Estado como ninguém. O anarquista foi citado como ‘potencial suspeito’ no inquérito da polícia do Rio de Janeiro sobre as recentes manifestações que aconteceram na cidade. Todavia, desta vez, o libertário escapou de maneira inédita e bem humorada. Consta que registraram o atual endereço de Bakunin em um cemitério em Berna, na Suíça, o que impossibilita a entrega pessoal de qualquer intimação. E agora? Por onde andará Bakunin? Alguns relatos asseguram que partiu rumo aos mares do sul para saborear uma de suas grandes paixões: as ostras”.

• • •

“Do arco o nome é vida e a obra é a morte”, afirmou Heráclito. Em 2014, o arco do *Nu-sol* visou por um lado acompanhar a vitalidade das novas

linguagens nos protestos, linguagens que visaram o afastamento do que Michel Foucault em “sujeito e o poder” chamou de “estatizações das relações de poder (...) poder-se-ia dizer que as relações de poder foram progressivamente governamentalizadas, isto é, elaboradas, racionalizadas e centralizadas na forma ou sob a caução das instituições estatais”.<sup>3</sup> Por outro, os breves textos procuraram expor e combater o velho ranço dos julgamentos acerca de práticas novas, como as do *black bloc*, expostos em variadas mídias.

E assim, com o fogo de Bakunin, livre da polícia, as flechas dispararam em outras direções. Contudo, disposta a ampliar a análise da irrupção destas novas linguagens, o fogo da flecheira permaneceu atenta aos desdobramentos dos protestos pelas ruas no segundo semestre de 2014 até o presente. Tal movimento segue no ar: <http://www.nu-sol.org/flecheira/flecheira.php>

---

<sup>3</sup> Michel Foucault. “O Sujeito e o Poder”. Tradução de Abner Chiquieri. In *Ditos & Escritos*. São Paulo: Forense, vol IX, 2014, pp.118-140.

## seleta de flechas

### vândalos

A expressão pegou. Designa tudo o que os moderados não desejam. E as práticas de movimento de contestação se tornam rotina em protestos localizados. Queimam-se ônibus aqui e ali. A população pobre e conformada fica brava. Afinal, o transporte público é deficiente e cada manifestação é um atraso na hora de ir para o trabalho ou voltar para casa. A população pobre dá pouca atenção para o uso da força repressiva nas periferias. Ela deseja segurança a qualquer custo. Os protestos com queima de ônibus não notaram que essa tática entrou em baixa e que é preciso ser mais incisivos, inventivos e menos óbvios.

### a nova série

Na primeira da série de manifestações marcadas contra a Copa do Mundo de Futebol a polícia exibiu sua covardia contumaz. Encurralou mais de 100 manifestantes em um hotel, prendeu 148 pessoas e feriu, quase mortalmente, um rapaz que voltava para casa. O secretário de segurança do estado de São Paulo alegou que os disparos foram em legítima defesa: três homens armados contra um rapaz com um estilete não deixa dúvida de quem estava se defendendo. Dois disparos foram deferidos, sendo um contra sua genitália. A brutalidade da polícia, embora tente, não vai conter o tesão de quem se lança de corpo inteiro às ruas. É preciso escandalizar contra essa produção em série de amarildos, douglas e, agora, fabrícios.

324, 04 de fevereiro de 2014.

### fogos nas manifestações

A polícia atira para acertar seu alvo, e, não raras vezes, atinge jornalistas. Basta lembrar as *jornadas de junho de 2013*. O manifestante adoidado, como um componente ensandecido de torcidas uniformizadas, solta fogos de artifício a esmo e, supostamente, atinge quem não era seu alvo. Nas duas ocasiões os jornalistas se posicionaram. Na primeira, contra os excessos da polícia. Agora, depois do ocorrido nas manifestações de 5ª. feira, no Rio de Janeiro, de modo afobado e verborrágico, sugerem que a autoria da violência é dos vândalos, mais precisamente dos que aderiram à tática *black bloc*. Ressalva a ser feita com urgência: a tática *black bloc* tem alvos definidos, atua diretamente contra eles e se desconhece que sejam jornalistas e cinegrafistas.

### fogo da mídia



Atribuir a alguns, arbitrariamente, o que não lhes cabe é também *ferir* a liberdade de expressão. O esforço midiático para disciplinar a massa nos protestos faz coro com a polícia e os governantes, que consideram a *punição exemplar* aos manifestantes *black bloc* um reforço à democracia e o meio para a *pacificação*. Se à imprensa livre cabe informar, que ela o faça amplamente. Porém, a chamada imprensa livre, antes de informar, precisa comunicar seu discurso ideológico. Quando ela se torna alvo involuntário ou escolhido (como nas ditaduras) é capaz de ultrapassar a defesa corporativa e é incapaz de extrapolar sua defesa à democracia liberal. Esta é a sua ambiguidade.

### **fogo das pessoas**

Depois de manifestações públicas contundentes não faltam jornalistas alvejados e pessoas feridas. E, por vezes, não faltam cadáveres, nem arengas eloquentes. Há sempre a vítima preferencial sacrificada! Pode ser um estudante, um operário, um jornalista, jamais são os miseráveis do chamado lixo social. Vira notícia o que atinge as elites ou as ameace. Ninguém em nome da ordem ou de qualquer contra-ordem deve alvejar quem trabalha para si ou como contratado de uma empresa. A conversa sobre a discordância se dispensa dos incitadores à polêmica e à violência. Somente o fogo de cada um incinerará a existência do monopólio da força física das armas e das ardilosas forças da razão.

### **fumaça do fogo**

Os monitoramentos são eficazes. Localizam agentes e produzem confissões. No sábado, um manifestante depois de se ver situado nas redes, confessa. Argumenta sua inocência, sua conduta involuntária, reitera seu respeito e crença na polícia: caiu na rede é peixe! O delegado não se convence. Todos querem saber para quem ele passou o explosivo. Ele declara desconhecer o outro. A mídia comunica que ele foi orientado pelo *black bloc* e advogados. O delegado enfatiza sua co-autoria e declara que a punição será exemplar, de imediato apoiado pelas grandes mídias. Anuncia-se o início de um processo penal. É isso que a ordem precisa: formalizar uma acusação contra qualquer indivíduo acoplada à tática *black bloc* como organização do terror.

325, 11 de fevereiro de 2014

### **qual morte?**

Essa semana a imprensa explorou ao máximo o que chamaram de primeira morte em manifestações, em uma clara tentativa de desqualificar a tática *black bloc*. Nada se falou sobre as outras nove mortes provocadas pela ação da polícia. Entre elas a de uma gari em Natal, dois jovens em Belo Horizonte e o jovem Douglas executado pela polícia na periferia de São Paulo. Explicita-se

a seletividade punitiva da imprensa. Para seus comentaristas, repórteres e âncoras, há vidas e vidas; há quem pode matar e quem deve morrer. Qualquer morte deve ser repudiada para quem se interessa pela vida e a afirmação da liberdade.

326, 18 de fevereiro de 2014

### **estado de sítio**

No final da tarde de sábado a polícia militar do estado de São Paulo fez uma demonstração de poder. Para garantir um megaevento, montou uma mega operação. O recado foi mais ou menos esse: “para assegurar a paz contra o novo inimigo, os *black blocs*, mobilizaremos toda a tropa e estratégias de dissuasão com violência sistemática”. Resultado: centenas de manifestantes e não-manifestantes foram presos e muita gente, inclusive jornalistas, saiu machucada. Para quem duvida que vivemos numa cidade sitiada, dê uma olhada nas fotos, em diversos sites, da manifestação de 22 de fevereiro de 2014.

### **o que acontecerá?**

Noticiou-se não haver abuso ou excesso da tropa, seguiu-se o protocolo para manutenção da ordem: essa é a estratégia. No entanto, como o *black bloc* é uma tática de uso livre, sem dono, chefe ou liderança, as “estratégias de dissuasão do governo” apenas atizam a continuar nas ruas os que se recusam se calar. E outros virão, já estão aí... Como não se trata de organização, não há com quem negociar os termos de paz. É luta, não é guerra ou disputa.

### **a nova democracia?**

As democracias modernas, desde a experiência estadunidense, legitimaram-se sobre um simulacro chamado soberania popular sustentado pela representação. Hoje, em diversas partes do planeta, eventos deixam evidente que a solicitude sustenta os assustados cidadãos que clamam pela mesmice: as armas do Estado como garantia de paz e ordem. Porém, quando o encanto é quebrado, as forças mostram contornos mais definidos: paralisante e apodrecida, essa democracia rumará para a violência e o autoritarismo desabrido ou os que apreciam a liberdade afirmarão outra forma de vida?

327, 25 de fevereiro de 2014

### **agenda**

As manifestações de rua que escolheram como alvo a realização da copa do mundo de futebol entram na rotina. Após as ações da tática *black bloc* explicitarem a regular violência da conduta policial, a última manifestação se

mostrou ordeira e partidária. No último protesto polícia e mídia estavam em número superior aos manifestantes. A nota dissonante não divulgada foi haver o confronto ainda que breve dos adeptos da tática *black bloc* com a polícia. Por que não noticiaram? *Seguramente* porque polícia e mídia pretendem convencer a população que isso é um fato superado.

### **rotina**

A produção desse consenso conecta organizações de defesas de direitos humanos, mídia, polícia, partidos nanicos, alternativos, em função da obstrução da tática *black bloc*, visando o encantamento: a copa do mundo transcorrerá em paz graças a um povo cordeiro, cordato e pacífico.

### **cidadão de bem**

Não passa uma semana sem que a polícia demonstre seu conhecido e regular procedimento violento. Se há duas semanas, em São Paulo, a chamada tropa do braço agiu contra manifestantes, nos últimos dias ocorreram intervenções na chamada cracolândia e repressão aos trabalhadores do Ceagesp (a polícia alega que não usou armas não-letais, porque não tinha sido comunicada do evento). No Rio de Janeiro, a celebrada pacificação das favelas continua produzindo mortes, desaparecimentos, investigações e planos corretivos para salvar a programação da secretaria de segurança. Não vê quem não quer: a ordem é garantida com violência e regulares desaparecimentos. Essa é e sempre foi a polícia que todo cidadão de bem julga necessária e para a qual entrega sua adorada devoção.

330, 18 de março de 2014

### **junho 2013 em diante**

A democracia da massa abúlica e covarde investe em lei antiterrorismo, prescreve como se deve contestar e teme que sejamos mal vistos nos noticiários da Copa do Mundo por não nos apresentarmos como recomenda o teatro das representações dirigido por democratas e empreendedores estadunidenses e europeus. A miséria transita desgovernada pelas ruas. Esse contingente de *moradores de rua*, temporariamente, pode ser calado com uma marmita e um crack, assim como, famélico e insubordinado, atravessar os cordões da ordem de benfeitores e policiais. Em tempo: nas últimas manifestações em São Paulo há mais policiais que contestadores. O protesto está sendo docilizado e reconduzindo os desfiles da massa abúlica e covarde pelas ruas e avenidas em clamor por migalhas do Estado.

### **a violência que não tem fim**

Noticia-se que, recentemente, não há mais confrontos entre policiais e manifestantes; que não há mais nenhuma pessoa ferida ou detida; que a polícia não é violenta. Entretanto, quem esteve presente na manifestação do último dia 27 de março constatou como os policiais continuam xingando, provocando e ameaçando os manifestantes. Incomodados com os cânticos, a vontade estampada em cada policial era a de espancar cada um dos manifestantes. Não o fizeram porque, obedientes às ordens de seus superiores e receosos do destemor dos que lá estavam, tiveram que se conter. Os manifestantes também não deram o que eles queriam. Não temer a polícia é reiterar que a violência é própria de quem veste a farda.

332, 1º de abril de 2014

### **vai ter copa...**

A série de manifestações contra a Copa do Mundo de futebol, agendadas regularmente desde o começo do ano, chegou a uma espécie de reta final. Movimentos sociais e grupos que até então não compareciam estiveram presentes na última quinta-feira. A repressão da polícia foi brutal como sempre, ferindo e prendendo. Desta vez havia mais manifestantes do que policiais. De agora em diante até a Copa veremos se os enfrentamentos se intensificarão ou se a cidade estará sitiada para garantir o espetáculo.

### **tática x estratégia**

A tática *black bloc* é inegavelmente a grande novidade e a maior potência produzida pelas jornadas de junho de 2013. A emergência e difusão dessa tática embaralhou as análises de acadêmicos e articulistas de jornais, desnorteou a polícia e demais autoridades e expôs a violência sistemática que acompanha os clamores por segurança. Trata-se de uma ação direta que produz e expande a revolta. As estratégias tanto da polícia para contê-los, quanto dos movimentos sociais e analistas que “mudaram de ideia” em relação aos *black blocs* de junho para cá, não serão capazes obstruir as ações dos blocos negros. A revolta é incontível. Entretanto, acoplada à busca de fins estratégicos, deixará de ser revolta.

### **minha casa, minha vida**

A maior torcida organizada do Corinthians, ao saber das manifestações marcadas para o que a FIFA batizou de Arena São Paulo, divulgou uma nota posicionando-se sobre elas. Além de convocar o MTST para uma reunião, na qual os sem-teto se comprometeram a não depredar o estádio, declarou: “a fiel está preparada para proteger o patrimônio da nação corintiana”. A defesa da propriedade não demorou a escancarar o fascismo da fiel torcida

organizada. Ela se empenhou na proteção do patrimônio de sua “minha casa, minha vida”, e o MTST permaneceu obediente aos comandos superiores.

339, 20 de maio de 2014

### **entre cúpulas**

Na última manifestação, integrantes do MTST foram orientados a não permitir a formação de um bloco negro. Pessoas foram dissuadidas de vestirem suas camisas de rosto e balaclavas. Faixas foram organizadas para impedir que a frente da caminhada fosse tomada. Ao ser questionada sobre o impedimento, a direção do Movimento argumentou que esse seria um junho vermelho e não negro. Alguns relatos alegam que isso fez parte da negociação da direção do MTST com a polícia, que prometeu não intervir caso fosse garantida a não atuação de *black blocs*. Como mostraram variadas notícias, o protesto expôs a articulação entre algumas organizações para a barganha de recursos destinados ao programa “minha casa, minha vida”. A cúpula do Movimento, ao impedir os deslocamentos do bloco negro, escancarou que para além de negociar com o Estado age de modo covarde diante do crepitar das chamas. Como já afirmara um anarquista é do acordo entre cúpulas que emergem os timoratos.

### **copa da copas**

Polícia, políticos, empresários e tolos passaram meses se equipando e matutando como impedir os *black blocs* de arranharem a imagem de país desenvolvido BRICS durante a Copa da Fifa. De repente MTST, motoristas e cobradores, professores universitários, gentes de todo canto exibem intrincados descontentamentos. Aproveitam o *evento* e também as próximas eleições para tirarem algum proveito. Mas não só. Mostram *outras* e repaginadas maneiras de lutas. A tática *black bloc* acordou, ainda que temporária e estrategicamente, muitos que apenas comiam, trabalhavam, consumiam e dormiam. Antes de julgar é preciso ficar atento aos novos fluxos que as jornadas de junho possam ter inaugurado.

### **violência do estado**

Nesta semana, em Goiânia, sob as acusações de “dano ao patrimônio público, incitação à violência e associação criminosa”, quatro jovens que supostamente participaram de recentes protestos tiveram suas respectivas casas invadidas por policiais mascarados e armados com submetralhadoras. Monitorados há meses pela chamada “Operação 2,80”, foram “presos preventivamente” e poderão seguir encarcerados após a análise do processo encaminhado ao Ministério Público. Apontada pela polícia como uma das líderes de

determinado grupo, uma jovem declarou publicamente ser anarquista e não fazer parte de organização alguma. Quem se cala diante de operações como esta expõe seu apoio cretino e canalha à continuidade da violência, sinônimo desta construção podre identificada como Estado.

### **greve de transportes**

Em maio de 2013 circulava a convocação aos protestos contra o aumento R\$ 0,20 na tarifa do transporte público. Um ano depois, motoristas e cobradores, a revelia de seu sindicato, paralisaram surpreendentemente os transportes urbanos em São Paulo. Aos poucos, a paralisação já alcança outras cidades. Nada há de estranho. Escancara-se, somente, a repulsa à sedimentada aliança Estado-empresários-sindicatos. De fato, são as minorias que reviram *a ordem e a lei*. Se elas terminam em nova composição majoritária, essa é a esperança da democracia representativa-participativa. Enquanto isso, mais uma vez, toma vulto a expressão do medo majoritário de cidadãos, mídias e especialistas que creem na aliança. Eles simplesmente julgam o inesperado como anarquia, sinônimo de baderna e vandalismo. Evidenciam a anemia de suas ideias e de sua *democracia*.

340, 27 de maio de 2014

### **teatro e cinema**

Jornadas de junho de 2013 viram obras da imprensa. No domingo, 25 de maio de 2014 a revista de um jornal paulistano refez as jornadas como um teatro em 7 atos. Evitou falar de *black bloc* e por não saber pensar sem um *sujeito histórico*, enfiou tudo num escaninho chamado *anarcopunk*. Depois lançou documentário com imagens arquivadas, palavras autorizadas e mimetizou sua ideologia como documento histórico. Para bom entendedor estas palavras bastam!

### **miscelânea**

Outro jornal paulistano imputa possíveis relações entre a tática *black bloc*, entendida como certa organização, e o PCC. Duas coisas diferentes podem colar? A tática *black bloc* é usada em protestos consolidando contestações radicais. O PCC faz parte dos ilegalismos que governam a cidade dentro do *partido da ordem*. Portanto, todos alertas para constatar o que virá! O Comitê Popular da Copa SP permanece expondo os efeitos diretos contra populações miseráveis e os *esforços* das autoridades para que tudo saia *limpo* sem macular a imagem do *país*. A polícia se equipa e prepara ações para contenções. Junho de 2014 estampará como anda o conformismo e a radicalidade no Brasil. Copa e política são indissociáveis. Futebol e política são coisas diferentes. Uma

coisa é o governo neoliberal do futebol pelo Estado, as empresas, os clubes e as torcidas uniformizadas. Outra coisa é a paixão planetária pela bola de futebol.

### **no alvo!**

Na última semana, em Brasília, militantes do movimento dos trabalhadores sem teto e outros “sem” marcharam pelas ruas, estimulados por determinadas lamúrias. Diante dos cartazes estampando reivindicações que completassem o lugar da falta, alguns índios, com suas presenças vitais, afirmaram um combate diferente, *contra* o Estado. No meio do movimento organizado, enfrentaram a tropa que defendia o estádio Mané Garrincha. De repente, uma flecha cortou o ar e acertou a perna de um policial militar. Direta no alvo, a flecha escancarou a precisão do guerreiro. Mas não só. A mira explicitou, sobretudo, a diferença abissal entre a militância dura e quem vive com o arco sempre teso nas batalhas.

### **gauche garrincha**

O estádio que a polícia defendeu durante o protesto foi batizado com o nome de um dos mais geniais jogadores de futebol de todos os tempos. Na mesma semana em que se desvelou o confronto em frente ao patrimônio da FIFA, Elza Soares, companheira de Garrincha, contou que teve a casa metralhada em 1970. Sob o efeito das violências da ditadura civil-militar, a cantora narrou ainda que, durante a realização da Copa do México, driblou as autoridades com Garrincha e partiu rumo à Itália. Logo após a conquista do Tricampeonato, o “anjo torto” recusou em solenidade oficial a camiseta oficial da seleção. A estúpida defesa do estádio definitivamente não combina com os lances do craque de pernas tortas, *gauche*, que desconcertou zagueiros, políticos, bajuladores e toda a corja de contentes fora e dentro de campo.

341, 3 de junho de 2014

### **mais violência policial**

O vídeo que correu o mundo com a tropa de choque da PM acoçando os grevistas do metrô de São Paulo mostra o que efetivamente garante o governo. Os grevistas gritavam, pedindo para que a polícia não avançasse; a polícia batia no escudo tentando intimidar. O vídeo explicitou que a violência é ativada pela polícia. Gás lacrimogênio e bombas de efeito moral explodiram em local fechado, onde, inclusive, é proibido fumar. O confronto escancara como a ordem faz o uso que bem entende da lei.

### **sobre o oportunismo**

Editoriais de jornais, empresários, aliados dos governos e intelectuais da ordem se apressam em denunciar o oportunismo das mobilizações e greves às vésperas da Copa. Se é política a utilização do evento para “divulgar a imagem do Brasil no exterior” e propagandear uma alegada prosperidade, as mobilizações seriam oportunistas? O Juízo, esse instrumento regular da política, depende sempre do lado em que a força se encontra em relação ao centro. A disputa por visibilidade e prestígio, de um lado e do outro, favorece o protagonismo em detrimento do movimento e a verticalidade do Estado em danos para as horizontalidades.

### **futebol & anarquia**

Ao atualizarem os embates de Mikhail Bakunin, em 4 de junho, numa noite de lua crescente no Museu da Cultura da PUC-SP, os anarquistas não esqueceram seus ardores pelo futebol. Como publicou um bando libertário, futebol anarquista é “bola e os jogadores soltos em campo e na vida, partindo para cima dos adversários como um a-ni-mal!”. Diante da Copa das cúpulas, futebol & anarquia, já!

342, 10 de junho de 2014

### **mídia polícia**

Simultânea ou isoladamente, todas as cidades-sede tiveram manifestações que integram a série de protestos Não Vai Ter Copa. Os manifestantes foram brutalmente acoados pela polícia. As manifestações nas grandes cidades, que não poderiam ser oportunamente abafadas, foram noticiadas pela grande mídia. Enquanto a imprensa nacional deixou claro seu corporativismo, a imprensa internacional estampou a violência policial. Não fosse a disposição dos jovens de negro em enfrentar a presença ostensiva da polícia, a manifestação contra a realização da Copa seria ridicularizada. Diante dos timoratos sindicalistas e dos partidos de esquerda, os black blocs produziram um efeito que mostrou ao mundo o descontentamento da minoria potente frente à forma como se organizou a Copa no Brasil.

### **tá na cara!**

Às vésperas da manifestação marcada para acontecer nos arredores da estação Carrão do metrô, na Zona Leste de São Paulo e a mais de dez quilômetros do Itaquerao, a polícia encarregou-se de colar comunicados em pontos estratégicos da região habitada por uma abastada classe média. Os comunicados instruíam aos cidadãos de bem que não deixassem seus carros estacionados nas ruas e que evitassem a circulação no entorno. Na quinta-feira, antes que qualquer “tumulto” ou “vandalismo” acontecesse, a polícia cercou as centenas de manifestantes e os muitos jornalistas e lançou contra eles inéditas bombas de gás e tiros com balas de acrílico. E então fica pergunta: quem são os violentos?



## **o pequeno fascismo**

Os emergentes da Zona Leste de São Paulo aplaudiam e se regozijavam com a violência da polícia. Corriam para os braços dos policiais confiando na promessa de que “nada lhes aconteceria”. Confortados, saudavam o dia dos namorados tirando selfies colados ao batalhão da tropa de choque. Enfileiravam-se rumo a “Salò”. Depois, voltaram para seus valorizados apartamentos, carrões, barzinhos, esposas e maridos, orgulhosos de serem brasileirinhos.

## **negócios**

Uma semana antes da abertura, a Avenida Radial Leste havia sido fechada por uma manifestação “puxada” pelo MTST e Comitê Popular da Copa. No mesmo período o sindicato dos metroviários sustentou uma greve por cinco dias. O terreno próximo ao Itaquerao foi garantido aos ocupantes e recursos do programa Minha Casa, Minha Vida repassados diretamente à direção do MTST; os metroviários suspenderam a greve sem atendimento de suas pautas e com demissões sumárias expedidas pelo governador. O MTST foi pautado pelo governo federal e os metroviários foram intimidados pelo governo do estado. Seus asseclas representavam o elenco de apoio da polícia tendo em seu chorus line: Conlutas, PSTU, PSOL e ANEL. Pretendiam desqualificar a manifestação do dia da abertura da Copa.

## **monitoramento**

Um dia antes do início do Mundial, a polícia de São Paulo e do Rio de Janeiro intimou jovens que respondem a inquérito desde setembro para comparecer e permanecer retidos temporariamente. A velha estratégia inaugurada pela polícia inglesa para monitorar os fascistas hooligans. Como se não bastasse, a polícia invadiu as casas desses jovens e sequestrou seus equipamentos tecnológicos.

## **do estádio para o satélite**

Eventos como a Copa do Mundo da Fifa recorrem aos satélites de telecomunicação para garantir que sua programação chegue a todos os televisores do planeta. Graças aos satélites, o que acontece nos estádios brasileiros chega aos televisores na Sibéria em no máximo 1,5 segundo. Estima-se que quase metade da população mundial, cerca de 3,2 bilhões de pessoas, assistirá aos jogos pela televisão. Um dos principais retransmissores das partidas da Copa é a empresa Intelsat que destinou uma rede de sete satélites para a cobertura do evento. Durante a Copa, um “dispositivo de utilização ocasional” que integra os satélites foi especialmente instalado para permitir mais de 50 mil horas de cobertura ao vivo. Enquanto os telespectadores se deliciam com o futebol a vida de cada um segue meticulosamente monitorada. Não foi surpreendente constatar que a maior incidência de postagens no twitter depois do gol contra de Marcelo foi o piado fascista: só podia ser preto.

## **dos estados para o bolso**

A primeira transmissão direta de um evento planetário ocorreu em 1964, quando o satélite Syncom 3, da NASA, permitiu que todos os continentes acompanhassem a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Tóquio. A Copa de 1970, no México, foi a primeira a ser transmitida ao vivo e em cores, para todo o planeta também pelos satélites da Intelsat. Naquela época a Intelsat era uma organização internacional para prestar o serviço público de telecomunicações sem visar lucro. Em 2001 ela foi e, desde então, é a principal prestadora de serviço de telecomunicações neste lucrativo negócio planetário.

## **um jovem incomum**

O amplamente explorado episódio do pai que retirou seu filho do meio do black bloc mostra que a violência e o autoritarismo da polícia começam no lar. Os pais dispõem da vida e dos desejos de seus filhos, que não pertencem a ninguém, apenas a sua futura liberdade. O jovem, intimado a depor na televisão junto a seus pais, concluiu sua reflexão contrariando os pais e a jornalista afirmando não abrir mão de sua liberdade. Ele é só um jovem incomum.

343, 17 de junho de 2014

## **um ano depois...**

Na última quinta-feira, 19 de junho, uma grande manifestação que comemorava um ano da revogação do aumento de 20 centavos da passagem de ônibus tomou as ruas de São Paulo. Com a presença de cerca de 5 mil pessoas, a manifestação saiu da Avenida Paulista e fechou a Marginal Pinheiros. O MPL negou acordo prévio com a polícia, mas admitiu o informe à Secretaria de Segurança Pública; a polícia diz se sentir traída pelo MPL; o secretário de segurança prometeu endurecer a repressão nas próximas manifestações. O informe às autoridades, estratégia do MPL, explicitou a ladainha da política, seja ela oficial ou alternativa.

## **justificando-se**

Após perceber que sua estratégia de informar publicamente seus objetivos e remeter-se à Secretaria de Segurança Pública havia falhado, o MPL divulgou uma “nota de esclarecimento”. Nela, reafirmou não condenar a tática black bloc. Entretanto, ressaltou o afastamento do movimento em relação ao que denominou como quebra-quebra e repudiou os discursos do chefe da PM. A nota expressou preocupação com a criminalização dos movimentos sociais. Todavia, ao pretender “garantir a segurança do ato”, o MPL contribuiu para a estratégia de isolamento dos black blocs além de reforçar pronunciamentos de que as práticas do bloco são irresponsáveis, vulneráveis à infiltração policial e auxiliam, indiretamente, o aumento da repressão.

## **resiste estelita**

Em meio aos jogos da Arena Pernambuco, uma violenta ação policial foi deflagrada na cidade de Recife. Um terreno ocupado por diversas famílias, próximo à área do porto, teve sua reintegração de posse executada de maneira brutal. Mulheres grávidas, crianças, jovens e adultos foram submetidos à intensa massa de gás lacrimogênio, bombas de efeito moral e muita pancada de cassetete. A área do porto é de especial interesse de construtoras envolvidas no projeto “nova Recife”. A pancadaria da PM foi o oferecimento do governo do pré-candidato à presidência da república, que junto de sua vice diz inaugurar, também, uma “nova forma de fazer política”. É o novo-velho uso seletivo da violência.

344, 24 de junho de 2014

## **saldo atual**

A sanha violenta do Estado segue produzindo suas absurdas peças. Em São Paulo, após os desastrosos acontecimentos da manifestação contra a Copa em 19 de junho, o saldo atual é de duas pessoas detidas sob acusações como formação de quadrilha e associação criminosa. Além das prisões, o estado de São Paulo, a exemplo do Rio de Janeiro, agora tem sua lei de proibição de máscaras em manifestações. É curioso como o Estado e suas leis seguem sustentando que a única solução para um embate, conflito e/ou divergência é a supressão/repressão dela ou o uso deliberado da violência. A produção de inimigos a serem combatidos segue como a lógica que produz a saúde do Estado e o que a grande maioria espera dele, justificando-o pela sensação de que um perigo próximo possa ser mantido distante.

346, 08 de julho de 2014

nada de surpresas

Nada de conter o jogo violento, somente os comportamentos antidisciplinares: padrão-Fifa neoliberal e democrático! Matar e quebrar na competição produtiva! Sempre estádios superfaturados cheios com lucros de montão. Tudo limpinho e correto e os corruptos escapando, como sempre pela porta dos fundos. A torcida japonesa fez faxina em sua área, viu? Caiu um viaduto, Natal alagou! Pela mídia eletrônica xingamentos, piadas e amiguinhos. E muitas promessas de melhorias governamentais planejadas para as cidades-sedes (e vem aí a Olimpíada!). Todos indo arrumadinhos para o estádio e voltando ordeiros e devidamente postados. Comemorações nas ruas com cerveja, drogas e sexo instantâneo. Tudo possível e tolerável. Tudo tolerante. Nada de surpresas! Polícia armada e protetora do investimento. Poucos contestaram um pouco. A plateia só deseja ser feliz!

347, 15 de julho

## periculosidade

Um juiz do Rio de Janeiro expediu prisão preventiva para vários jovens considerados perigosos. Eles são taxados de *black blocs*. O alegado “arsenal” encontrado com eles é simplesmente ridículo. Pretende-se, com isso, garantir a segurança nacional, a segurança dos empresários, dos partidos, dos sindicatos e de variadas organizações com base em uma contínua suspeita generalizada. A mídia faz o coro dos embalsamados. E tudo deve correr como mais um rotineiro caso de *polícia política* democrática?

## movimentos

Um movimento somente é inventivo quando produz enunciados surpreendentes. Quando se *move* livre. O que esperam os movimentos agora? Convocados regularmente para atualizar o ramerrame parlamentar ou sindical, não passarão de aglomerados dirigidos ou grupos que desfilam protestos? Tomar a dianteira contra as prisões-preventivas é o que lhes cabe contra o contínuo investimento em medo ocupando os espaços de contestação. A lei também serve para a democracia governar com medidas de exceção. Se há um movimento que não se presta a galgar lugar em coalizões políticas, no governo de uma sociedade civil de conduta regulada e regulamentada, e que pretende *mudanças reais*, que se apresente ou reapresente! Do jeito que as coisas estão os movimentos acabarão no sambódromo desfilando uma ópera-bufa.

## perigosos são os outros

O que há de macabro na periculosidade é sua cara lavada e sisuda em cada circunstância histórica, delatando o *outro* como perigoso a ser encarcerado. Trata-se da aplicação da prevenção geral que norteia o pensamento e as práticas punitivas. O mais assustador não é quando o totalitarismo e o autoritarismo encarceram e matam os chamados perigosos (etnias, atitudes inconvenientes, escravos foragidos, mulheres livres, operários revoltados, crianças pauperizadas, loucos, gatunos, políticos de oposição...), em nome da segurança. Mas quando a democracia lança mão do refúgio da periculosidade para coisas miúdas, apesar de suas grandezas política e econômica. Então há algo de estranho. Os apreciadores de punições sempre querem, de imediato, identificar e prender os chamados perigosos a *si* e à sua suposta estabilidade.

## o estranho

Estamos nos avizinando de uma situação estranha. Nos movimentos, como na vida, há acidentes, imprudências, descontroles e eventuais tragédias que acometem quem dentro deles estão. Foi o caso da morte involuntária do cinegrafista carioca no início do ano. Foi um episódio bem diferente dos que passaram jornalistas e cidadãos alvejados pela polícia constantemente nos protestos. Nestes casos, nada de prisão-preventiva e sabe-se lá se houve *processos administrativos*. Mas isso pouco importa. A polícia usa da violência

para proteger os interesses de quem ela zela em nome de todos. Será que os juízes, promotores e procuradores não sabem pensar a lei sem punições? O movimento que inventou as *jornadas de junho de 2013* mostrou que é possível discutir, brigar e ir adiante sem conformismos. Os reativos nascem velhos. Os jovens envelhecem com frescor ou bolor. Mas não devem se acomodar aos cerimoniais legais e policiais.

348, 22 de julho de 2014

### **bakunin segue livre!**

Mesmo depois do acossamento da polícia por décadas a fio, da prisão na Fortaleza de Pedro e Paulo, do exílio, da fuga extraordinária das autoridades pelos mares do Japão até os Estados Unidos, Mikhail Bakunin segue driblando o Estado como ninguém. O anarquista foi citado como “potencial suspeito” no inquérito da polícia do Rio de Janeiro sobre as recentes manifestações que aconteceram na cidade. Todavia, desta vez, o libertário escapou de maneira inédita e bem humorada. Consta que registraram o atual endereço de Bakunin em um cemitério em Berna, na Suíça, o que impossibilita a entrega pessoal de qualquer intimação. E agora? Por onde andar Bakunin? Alguns relatos asseguram que partiu rumo aos mares do sul para saborear uma de suas grandes paixões: as ostras. Bakunin segue livre!

### **cornuda**

Nas décadas de 1970 e 1980, os libertários do jornal anarquista *O Inimigo do Rei* afirmavam que velhice não se reduzia a mera questão etária. Nessa última semana uma velha de vinte-e-poucos-anos confirmou a máxima ao se tornar uma das protagonistas do inquérito (o mesmo que cita Bakunin) da polícia carioca. A senhora de vinte anos, militante profissional, decidiu *colaborar* com as investigações após descobrir que uma das acusadas tinha “roubado” o seu namoradinho. A velhice, de fato, não é uma questão etária. É sim a expressão mais acabada do ressentimento e do bolor.

349, 6 de agosto de 2014